

O TEMPLO DOS ORIXÁS

Quando, na experiência anterior, eu tive a oportunidade de assistir a um culto religioso, fiquei vários dias pensando a que ponto nossa inconsciência modificou o mundo espiritual. Conhecendo o meu professor, e sabendo que ele é uma pessoa que nunca teve matéria por não ter este registro, comecei a fazer uma análise comparativa entre ele, os médicos, eu, e as demais pessoas que já tinha conhecido no mundo espiritual.

A distância com respeito ao conhecimento, que o separa de nós, chega a ser gritante. Isto é tão presente nele que, às vezes, uma palavra que ele diz esclarece pontos obscuros que acompanham a humanidade em tudo o que pensa ou faz. Esta diferença não está apenas na maneira de falar. Está também em suas atitudes, aparência e gestos. Quando me refiro à aparência, não estou querendo dizer que ela é diferente da nossa, e sim tentando explicar o inexplicável, pelo menos para quem não sai do corpo físico e nem participa do mundo espiritual. Mas assim como eu participo desse outro lado da nossa existência, sei que muitas são as pessoas que também fazem esta travessia. E tenho certeza de que essas pessoas sabem, quando estão no mundo espiritual, da diferença entre ele, o professor, e nós, seres humanos, que habitamos um corpo físico cheio de limitações. Mas espero que, um dia, toda a humanidade possa, assim como eu, participar e diferenciar este maravilhoso mundo em que vivemos.

Dentro da linha de estudo que escolhi para esse trabalho, cheguei à minha nona visita a hospitais extrafísicos. Certa noite, assim que me vi consciente fora do meu corpo físico, vi que o professor estava à minha espera. Lembro-me, também que, ao vê-lo, pedi desculpas por ter demorado tantos dias para conseguir sair do meu corpo físico com o nível de consciência necessário para que minhas aulas continuassem. Mas ele não demonstrou, nem por um segundo, estar preocupado com este fato.

“Ao contrário”, — disse-me ele, “a sabedoria e a humildade fazem parte do espírito humano. Mesmo que não percebas, te falo todos os dias e te ouço todas as noites.”



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Confesso que nem sempre eu entendia o que estava dizendo, e esta foi uma afirmação que, na época, eu não entendi. Em seguida, ele me levou para o primeiro hospital que conheci. Quando lá chegamos, encontramos Dr. Hulff. Ele me disse que o professor ia me levar para conhecer outras linhas de trabalho, e que ele gostaria de ir junto para observar meu entendimento e minhas reações diante do que me seria mostrado. Para ele, conforme explicou, isto era importante, para que soubesse, cada vez mais, como trabalhar com as pessoas que necessitam da ajuda dele no plano espiritual. Mas ele só iria se eu o permitisse, pois o professor já lhe tinha dado permissão. Enquanto Dr. Hulff falava, eu fui ficando com medo do que ia ver naquela noite, e fiquei me lembrando da cidade dos mortos onde tive tanto medo. Foi então que perguntei ao professor:

— Nós não vamos voltar à cidade dos mortos, não é professor?

— “Não! Não vamos.”

Logo depois saímos e o professor me levou junto com o Dr. Hulff, para que eu visse hospitais e templos pertencentes a outros grupos religiosos existentes no nosso plano físico. Tudo o que vi naquela noite mexeu com as minhas emoções. Mas, a cada explicação que me era dada, eu percebia que as coisas, no mundo espiritual, não poderiam realmente ser montadas de maneira diferente, em razão da nossa atuação na matéria e da falta de conhecimento da existência da vida após a perda do nosso corpo físico.

Até aquele momento, tudo estava indo muito bem. Eu já estava até achando que o meu entendimento estava muito bom, e só me foi possível ver que não estava, quando chegamos ao hospital espírita. Porque, eu não estava preparada para encontrar, no mundo espiritual, esta religião que eu desprezei e combati até meus vinte e oito anos de idade, quando encontrei Karran pela primeira vez.

Nossa entrada nesse hospital não foi diferente daqueles que já tínhamos visitado naquela mesma noite, pois em todos eles, o professor se apresentava dizendo que ele estava representando uma nova linha de trabalho que Karran tinha iniciado comigo aqui na Terra. Ele explicava também que deste trabalho fazia parte o conhecimento sobre o mundo espiritual e a autoconsciência. Dizia ainda que ele tinha sido escolhido para representar esse trabalho e me acompanhar no conhecimento do mundo espiritual. Depois de conhecer o hospital, fomos conhecer



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

seu templo, pois, no mundo espiritual, o templo de cada grupo religioso fica localizado ao lado de seus hospitais. Do lado de fora, nada de estranho. A aparência era como a dos demais templos que eu já tinha visto, exceto pela forma que era circular. Na porta, dois homens negros vestidos de branco pareciam estar de guarda. Para passar por eles o professor os cumprimentou dizendo uma frase em um idioma que eu não conhecia. Enquanto dizia essa frase, ele os reverenciou com um gesto que eu achei muito estranho, pois não lhes estendeu a mão. Apenas movimentou seu tronco de um lado para o outro, inclinando a cabeça para frente. Também o Dr. Hulff disse a mesma coisa e fez os mesmos gestos. Cada um dos dois homens que estava na porta do templo portava uma grande lança de madeira, que eles cruzavam sobre a porta. Eles movimentaram seus braços batendo uma lança contra a outra. Depois do terceiro toque eles retiraram as lanças do caminho e nós entramos. Ao entrarmos no templo, eles cruzaram suas lanças e novamente bateram uma na outra mais três vezes. Quando nós atravessamos a porta, eu tive surpresa e medo. Surpresa, ao ver que aquele templo não tinha o luxo e nem a pompa que ostentavam os outros que já tinha visto. Medo, porque eu tinha sido condicionada pela minha religião, a temer o espiritismo, e essa era minha primeira visita a um templo espírita. Na matéria, fisicamente, eu nunca sequer tinha ido a um centro.

Quando já estávamos do lado de dentro, imediatamente notei que o templo, por dentro, era muito maior do que parecia quando estávamos do lado de fora. O ambiente estava repleto de gente trajando roupas típicas, destas que se pode ver vestindo as imagens, nas lojas que trabalham com material especializado dessa religião. Também não tinha o mesmo tipo de iluminação dos templos que já tinha visto fora do meu corpo físico. Aquele ambiente estava banhado por uma luz amarela. Por isso era muito diferente pra mim. Quanto ao piso, parecia ser de chão batido. No meio daquele templo havia um círculo grande que saía do chão. Esse círculo tinha mais ou menos um metro de altura e, dele, saía uma luz prateada que não se misturava com a luz amarela do ambiente. Por essa razão, eu tinha a impressão de que todas as pessoas estavam sob uma chuva cujas gotas eram luminosas e prateadas. Ali dentro todos cantavam e formavam um belo coral. Mas, dessa vez, eu não entendi o idioma, diversamente do que aconteceu quando eu estava no hospital católico. Mesmo sem entender o que cantavam, não pude deixar de me emocionar com a beleza da música. É bom lembrar que não havia som de nenhum instrumento musical, nem mesmo os instrumentos de percussão, que aqui



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

no plano físico são muito comuns. Havia somente vozes humanas, masculinas e femininas, pois, naquele ambiente, trajando roupas típicas, também havia mulheres.

Notei algo que despertou a minha curiosidade: naquele ambiente não havia um branco sequer; todos trajavam roupas típicas e eram negros. Portanto, as únicas pessoas que não eram negras ali, naquele momento, éramos eu, o professor e o Dr. Hulff. Enquanto eu observava esses detalhes no ambiente, nós ficamos parados, esperando a oportunidade de nos dirigirmos a alguém, como pensei naquele instante. Todos estavam de pé e pareciam muito envolvidos pela música que cantavam. Mas, enquanto cantavam, um homem estava calado e de pé na beira daquele círculo, e olhava para dentro dele sem desviar o olhar. Enquanto ele olhava, o professor me chamou para que eu me aproximasse junto com ele do círculo luminoso. Eu tive medo, não queria ir, mas aquele homem da beira do círculo, sem desviar o olhar do mesmo, estendeu-me a mão e chamou-me com um gesto. Acho que nunca tive tanta vontade de sair de um lugar como tive naquele momento, pois eu estava com medo de me aproximar do lugar onde ele estava. Olhei para o professor, e vi em seu olhar uma expressão de reprovação. Então, muito a contragosto, me aproximei, junto com ele e o Dr. Hulff. Ao chegar perto do círculo vi que dentro dele parecia haver água. Mas era uma água estranha pois, ao mesmo tempo em que emitia aquela luz prateada, dentro dela havia uma série de imagens de pessoas vestidas com roupas iguais à do homem que estava ali olhando para dentro do círculo. E quase todas estavam segurando uma outra pessoa, que parecia estar dormindo enquanto os outros estavam estranhos, pois dançavam e cantavam e tinham duas imagens. Enquanto eu olhava, perguntei ao professor o que era aquilo que eu estava vendo dentro daquela água.

— “Você está vendo a única maneira que nós encontramos para despertar aqueles que se condicionaram a morrer, como você viu na cidade dos mortos.”

— Mas professor, então eles acordam com esta energia e a música?

— “Não. Eles se condicionaram a esta inconsciência quando tinham seus corpos físicos. Por esta razão, somente um corpo físico pode lhes devolver a consciência.”

Enquanto o professor falava, eu estava observando atentamente o que estava vendo dentro daquele círculo. Eu quis saber onde estava acontecendo tudo aquilo



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

que eu estava vendo. O professor me disse que era nos templos que pertencem à frequência física.

— Nos centros, professor?

— “Sim! Nos centros.”

Enquanto o professor me dava suas explicações, o coral mudou para um ritmo mais rápido. Pensei que alguma coisa fosse acontecer ali naquele ambiente. Por isso deixei de olhar para o círculo e fiquei olhando para as pessoas ali presentes. Mas o professor me pediu que continuasse a olhar dentro do círculo. Foi então que eu pude ver como fazem para despertar os “mortos”. Vi aquelas pessoas, que tinham imagem dupla, estenderem as mãos para os que carregavam os adormecidos. Estes se aproximavam e entregavam os que dormiam. Quando os que dormiam já estavam com os que tinham imagem dupla, uma coisa incrível acontecia: primeiro, aquele que recebia a pessoa que dormia colocava a mão sobre a sua cabeça. Depois ela começava a liberar faíscas de energia, que partiam de toda a mão, deixando a pessoa adormecida com uma espécie de brilho que ela não tinha antes. Em seguida a isto, a pessoa retirava a mão da cabeça daquele que parecia estar morto e pegava em suas mãos. Em seguida o trazia para junto de seu corpo, dando-lhe um grande abraço. Este gesto era repetido por três vezes, sendo que, na terceira vez, ela puxava o adormecido com força, colocando-o no lugar em que antes ela estava. Agora essa pessoa estava atrás do corpo físico que usara, e o que dormia estava no corpo físico em seu lugar. Mas o que saía do corpo não se afastava, e mantinha as mãos apoiadas no corpo que, então, estava sendo usado pelo que dormia. Os outros que tinham corpo físico, aproximavam-se fazendo uma roda, pois o que dormia não conseguia manter o corpo de pé, e ele não podia cair. Então eles começaram a girar o que dormia sem deixá-lo cair, até que no meio do giro e da música, o que dormia abriu os olhos. Eu estava muito assustada vendo tudo aquilo acontecer, principalmente por ver que nem todos os que despertavam ficavam quietos. Muitos começavam a gritar, chorar e se debater, como se estivessem possuídos por alguma coisa ruim. Mas as pessoas do centro não pareciam se incomodar com o que estava acontecendo, tomando apenas o cuidado de não deixar que o outro machucasse o corpo que estava usando. Pouco depois, eles foram retirados do corpo e entregues às pessoas que os tinham levado até aquele lugar. Mas os que estavam se debatendo não paravam, mesmo depois de estarem fora do corpo, e eram retirados



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

imediatamente do ambiente onde estavam. Perguntei ao professor o que iria lhes acontecer agora que estavam conscientes. Ele respondeu que iriam para os hospitais de seus grupos, para serem tratados, a fim de recobrem a lucidez e a nova conscientização.

Enquanto o professor me respondia, o homem que estava de pé na beira do círculo levantou as duas mãos. Quando ele fez este gesto, todos pararam de cantar, e, um outro, usando uma roupa diferente, se aproximou do círculo. Mas, antes que ele começasse a olhar para dentro dele, os dois se cumprimentaram tocando os ombros, fazendo o mesmo movimento que o professor e o Dr. Hulff tinham feito do lado de fora, antes de entrarmos no templo. A única diferença foi a seguinte: o professor e o Dr. Hulff não tocaram os dois guardas da porta, mas lá dentro, os dois homens estavam se tocando. Então o professor se afastou do círculo e pediu para que eu e o Dr. Hulff fizéssemos o mesmo. A música recomeçou, mas já não era a mesma.

O homem que antes estava na beira do círculo veio em nossa direção. Chegou perto do professor e o cumprimentou, usando o mesmo toque ombro a ombro. Com o Dr. Hulff foi feito a mesma coisa, mas, ao se dirigir a mim ele me cumprimentou apenas com um movimento de cabeça. Neste momento o professor nos apresentou. Ele me disse seu nome e o professor explicou que ele era um orixá. Um dos doze orixás que deram início ao grupo espírita aqui em nossa frequência física.

— Professor, por que todos neste ambiente são negros? — perguntei.

— “Porque este grupo teve origem na pessoa do mundo espiritual que orientava a raça negra na frequência física.”

— E por que não se cumprimentaram dando as mãos, como todo mundo faz, professor?

— “Esta é uma pergunta interessante. Eles somente adotaram esta maneira de cumprimentar quando o homem negro foi subjugado pelo homem branco. Este movimento, entre eles, simbolizava as algemas que o homem branco colocou no homem negro, na frequência física.”

— Professor, mas por que eles deixaram que isto acontecesse? Por que não lutaram contra a escravidão?



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

— “Quando o acidente solar atingiu nosso sistema, na Terra física, onze raças tinham iniciado a reprodução do corpo físico, e, no mundo espiritual, todos os que tinham registro da frequência física, organizaram-se para ocupar corpos físicos que lhes dessem chance de realizar da melhor maneira, suas aspirações. Mas havia um grande número de pessoas que tinha como objetivo o trabalho duplo, pois necessitavam de um corpo físico, mas também necessitavam atuar no mundo espiritual. Depois de muitos estudos que fizeram, chegaram à conclusão de que a matéria negra era a única que lhes daria esta possibilidade na época. Eles começaram a ocupar essas matérias e a cumprir seus objetivos. Mas com o acidente, tudo foi modificado. Os objetivos de todos sofreram alterações, mas a matéria negra, por ser a mais pacífica de todas, manteve nela implantado o registro do mundo espiritual. E a escravidão só foi possível porque o homem negro nunca foi guerreiro, mas sim muito pacífico, por estar sempre voltado para o mundo espiritual.”

Enquanto o professor me falava, aquele orixá que tinha vindo nos cumprimentar, mudou sua aparência para a de um homem bem parecido com o meu professor, e quando ele estava pronto nos chamou para sairmos do ambiente. Quando já estávamos do lado de fora, fiz àquele homem apenas uma pergunta: eu quis saber se ele gostava do que fazia e ele me respondeu desta maneira:

— “Gosto de ajudar meu semelhante, mesmo quando não sou entendido por ele.”

Não sei porque, mas quando eu ouvi aquele homem dizer esta frase, eu me lembrei de uma outra. Não igual, mas com sentido bem semelhante, que é: “Pai, perdoai, eles não sabem o que fazem”. E enquanto o professor me trazia para meu corpo físico, pude ver a grandiosidade de um grupo que eu nem sequer sabia existir.

